



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

As nozes do esquilo

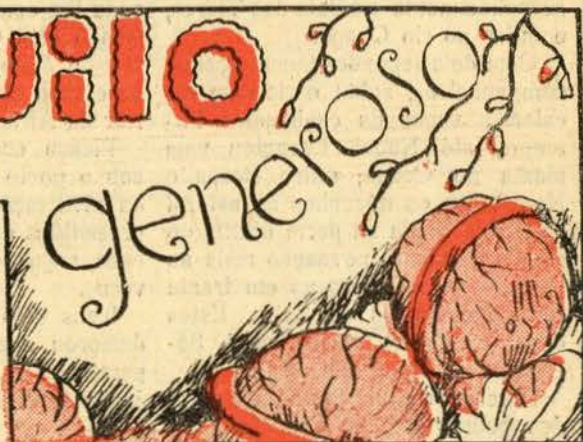
■ POR LEONOR DE CAMPOS
DESENHOS DE A. CASTANÉ ■

ERA uma vez um esquilo muito rico. Tão rico e poderoso que nenhum outro bicho se lhe podia comparar em luxos e galas. O seu palácio, um enorme buraco no tronco de árvore secular, estava recheadinho de coisas boas: nozes, avelãs e amêndoas. Todas as nogueiras, de duas léguas em redor, lhe pertenciam. Herdara-as da mãe, do pai, de duas tias solteiras e de cinco primos em 2.º grau. Algumas tinha-as ele alugado por bom preço, a vários passarinhos.



Numa, por exemplo, a que o compadre Melro trazia de renda, custava a êste, nada mais nada menos, do que dez quilos de nozes por ano.

Ora o Esquilo era forrêta, forrêta, como só êle. Não dava meia noz a um pobre. Porisso todos os bichos o detestavam. E o «Diário da Bicharada», o jornal que na floresta era mais apreciado, quando Dom Esquilo partia para qualquer viagem, dava a notícia apenas em cinco linhas:



Partiu senhor dom Esquilo
para uma longa jornada...
Que faça boa viagem
são os votos do jornal
«Diário da Bicharada»!...

Dom Esquilo todo se enraivecia porque o jornal lhe não chamava nomes bonitos, nem se referia a êle com mais freqüência.

—«Esta agora—resmungava êle, muito danado—. Então o pobretão do Rouxinol, que não tem onde cair morto, está sempre a ser falado no jornal; chamam-lhe ilustre, eminente, distinto!... E a mim, o bicho mais rico das redondezas, ninguém me liga importância!... É triste e é injusto!... Porque será?... Vou mandar chamar o compadre Furão, a ver se êle explica êste caso e me dá um conselho...»

Veio o compadre Furão e o Esquilo perguntou:

«Dize-me cá, ó Furão,
qual a razão
porque o jornal
«Diário da Bicharada»,
tem, para alguns pobretões,
medidas e atenções!...
De mim... pouco fala, ou nada!...»

O Furão, não hesitou um instante:

—«Sabe porque é? É porque vossa bicheza é

(Continua na página 7)

Grandes do Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS

Por MANUEL FERREIRA

ROBERTO IVENS

Explorador africano muito distinto, (1850-1898) começou as suas viagens, em 1876, por um simples reconhecimento na Baía dos Tigres, e outro no rio Congo.

Com dois segundos tenentes, seus companheiros, subiu o rio num escaler a vapor da canhoneira *Támega*, até Noqui. Levantou uma planta no Congo, entre Borná e Noqui, fez os desenhos ao natural da ilha Xinhalla na parte direita do rio de Xinhime, povoação mais ao nordeste e as margens em frente dos redemoinhos do Zaire. Estes desenhos foram oferecidos à Sociedade de Geografia de Lisboa.

Precisou a situação de duas grandes pedras que se encontram no rio, e que só são visíveis, quando as águas baixam nas proximidades de Noqui.

Ivens deu à primeira o nome de

Diamante, e à segunda o nome de Ametista.

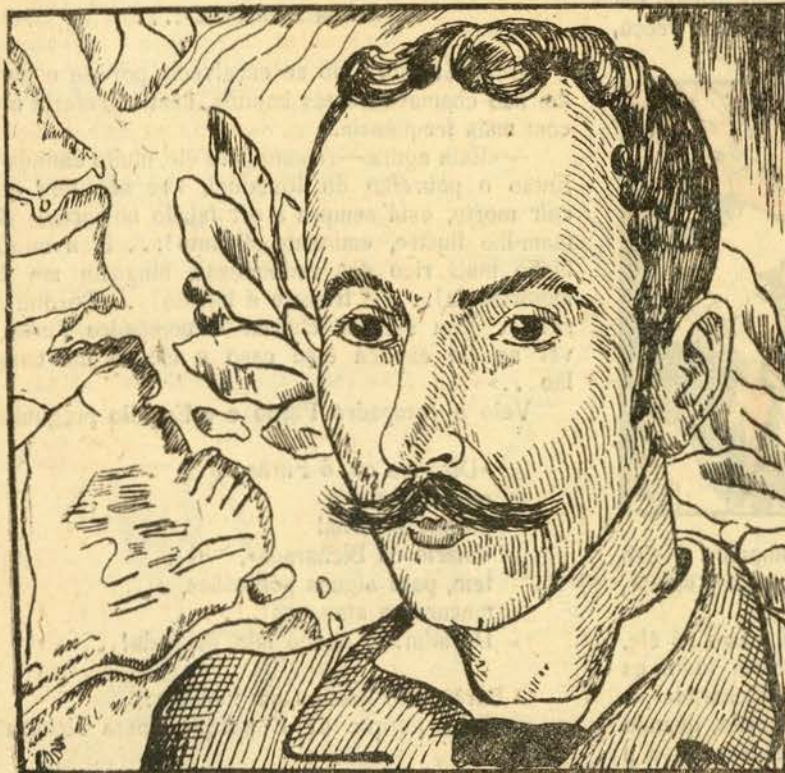
Em 1877 regressou a Luanda, onde lhe comunicaram que fôra nomeado com Capelo e Serpa Pinto, (11 de Maio) para uma exploração de estudo e descobrimento no interior da Africa.

Ficava encarregado de estudar, sob o ponto de vista científico e da civilização, os territórios compreendidos entre o Zaire e o Zambeze, segundo as instruções do Governô.

Ivens veio para Lisboa, onde se demorou apenas 27 dias nos preparativos. A expedição partiu em Junho seguinte.

Os meus meninos decerto sabem o que são explorações africanas.

São caminhadas enormes de muitas centenas de léguas, pelo sertão, que muitas vezes é lindo e acolhedor mas outras escaldado e traiçoeiro. E' andar, umas vezes, entre o capim e os palmares, ouvindo sussurrar as águas nos rios e nas cataratas, outras vezes pelo areal sem fim, onde nem viv'alma se encontra. E' ouvir o canto delicioso das aves que saúdam os viajantes, e o rugir do leão. E' ver, de perto, as gazelas, tímidas e esquivas, as zebras, riscadas de negro, ariscas, e as girafas, de pescoço comprido. E', umas vezes, observar, de perto, a vida da



bicharia e, outras vezes, ser observado por ela... quando as feras preparam o ataque. E' ter, ante si, o perigo, a cada hora, a cada instante. E' conviver, umas vezes, com indigenas bons, alegres e submissos, outras vezes com selvagens brutais e agressivos. E' cair, cheio de sede, escaldando em febre, nos areais sem fim, onde apenas se encontram as pègadas de alguma fera solitária. E' passar privações, lutar e, quantas vezes! morrer. E' conhecer novas terras, nova gente, usos, costumes e tradições. E' assegurar o domínio de Portugal em terras

(Continua na página 5)



UM CONTO
HINDÚ

POR MANUEL FERREIRA

EXISTIA, há muitos anos, no longínquo e fascinador Oriente, junto dos Ganges — rio sagrado dos hindús — o reino de Alboeimar.

Pitoresco e fértil, rodeado de palmares e selvas onde rugiam tigres, e sulcado por rios, em cujas águas cristalinas, o golfão branco punha uma nota de beleza, o pequeno reino hindú dir-se-ia uma ilustração, deliciosamente colorida, dum lindo conto árabe.

Na capital, Radjapoor, num palácio deslumbrante, que o vulgo dizia ter sido construído, por mãos de fadas, ao nascer do sol, vivia, doente e triste, o velho rei Abdul.

Soberano bom e justiceiro, culto e piedoso, Abdul enfermava há anos de uma doença grave, muito grave, para a qual não haveria cura possível. Magos, alquimistas, vinham de todas as regiões, em caravanas de camelos que percorriam os desertos da África e da Síria. Chegavam e abanavam a cabeça...

E o rei definhava-se, dia a dia, e já sua mulher, a boa rainha Fátima lhe estava preparando a mortalha, pois esperava, de momento a momento, o triste desenlace.

Certo dia, um velho esfarrapado, estranho, tendo nos olhos um extraordinário clarão, pediu que o deixassem ver el-rei. A guarda do Palácio não o queria deixar entrar. Mas ele tanto pediu, tanto suplicou que o deixassem ir junto de Abdul, que o mordomo real disse aos guardas: — «Deixai entrar o velho. É mais um impostor a acrescentar àqueles que tem querido ver el-rei e não encontram meio de o salvar. Deixem-no entrar pois que ele parece manifestar grande desejo de ver o nosso querido soberano...» — «Sim, sim!» — (interrompeu o velho, deixando sair dos olhos, chispas de alegria) — Ouvi falar da enfermidade de Abdul. Sou de muito longe, das bandas dos Herminios. Há muitos anos que puz pés ao caminho, comendo o que me dão por esmola e o que posso alcançar nas ramarias das árvores. Água, tenho-a eu encontrado, umas vezes, cristalina, nos regatos, outras estagnada nos pântanos. Adestrei-me na caça e na pesca. As barbas tornaram-se-me brancas, nesta vida de privações. Quantas vezes não tombei, exausto de fadiga, nas areias do deserto. Porém, lembrava-me de que tinha uma missão a cumprir: a de dar a vida ao vosso soberano...»

— «E, bom velho, encontraste o remédio para a doença do nosso rei Abdul!»

— «Talvez! Talvez... Mas, primeiro que tudo, levame ante el-rei» — observou o velho.

Daí a momentos, o visitante foi introduzido na câmara real. El-rei agonizava lentamente, rodeado de estofos, de sedas, de damascos, de pedrarias. Dir-se-ia um esqueleto animado ainda por um débil sopro de vida.

O velho auscultou-o demoradamente, e, tirando dum monte de farrapos, um frasquinho com um líquido azulado, deu-o a beber a el-rei.

Em torno, a mulher e os filhos (que eram três: Mohamed, Muhail e Alboazar) vigiavam os movimentos do velho.

Assim que Abdul bebeu aquele líquido, caiu numa sonolência profunda. O velho, então, perguntou:

— «Poderoso Abdul, o que vês no teu sonho?»

— «Vejo um monte muito ao longe, com um castelo e em torno das muralhas um grande arvoredor. Ouço o susurrar da água...» — respondeu Abdul.

— «Não vês mais nada?»

— «Vejo uma mulher velha e repugnante a preparar umas beberragens» — continuou o doente.

— «Acorda! que já viste o que desejas. Aquela mulher está a preparar o licór da vida. E lá muito longe, no interior do Tibet. Se algum dos teus conseguir alcançar o castelo e transpôr uma série de dificuldades, esse é o que vence.»

E, dito isto, o velho desapareceu como por encanto. Nunca mais ninguém o viu.

Tornados a si do espanto em que ficaram, os filhos de Abdul reuniram-se em conselho. E, no dia seguinte, as portas do palácio abriram-se para a saída do príncipe Alboazar, a quem o povo chamava o «Ambicioso.» Não levava comitiva. Apenas um pagem o acompanhava.

Passaram-se meses. Á sombra de uma tamareira, nos arredores do Nepal, um velho, andrajoso e repelente, arrastava-se, pedindo a esmola duma gota de água. O príncipe viu-o e perguntou-lhe:

— «Que queres, velho?»

— «Água, por favor. Senão morro à sede...»

— «Não t'a posso dar, velho, porque ela é-me precisa! Tenho de caminhar muitas léguas no deserto. Nem uma pinga te posso dar!»

O velho sorriu-se, tristemente e disse-lhe:

— «Se continuares a proceder assim, não alcanças o que pretendes. O teu mal é o egoísmo e a ambição. E esse mal há de te prejudicar bastante...»

Alboazar não teve tempo, sequer, para ouvir as palavras enigmáticas do velho. E seguiu o seu caminho.

Já via, ao longe, o castelo, rodeado de arvoredor. Tinha chegado ao Tibet. Percorreu um caminho íngreme. E, ao chegar à porta da fortaleza, viu, dum lado a entrada para o laboratório onde a velha fabricava o licór da vida, mas do outro, um grande montão de riquezas: ouro, pedrarias, obras maravilhosas em ébano e em marfim. De uma fonte escorriam pérolas, rubis, brilhantes, esmeraldas e safiras...

Atónito, ouviu uma voz chamar pelo seu nome.

Voltou-se e viu a velha bruxa que, olhando para ele, fixamente, lhe disse:

— «Leva estas riquezas, Alboazar. Elas são tuas! Levavas que serás feliz porque só a riqueza é que nos trás felicidade.»

Diante da riqueza, o ambicioso príncipe esqueceu-se do que ali o levava. Esboçou um gesto para encher o seu gibão de pedrarias, mas sentiu-se transformado num monte de ouro.

Ouviu-se uma risada da velha que se afastou para o seu misterioso laboratório.

(Continua na página 7)



UMA LENDA

POR

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

ANÃO SABICHÃO

—«Tenho, hoje, tanto que estudar!—lamentou-se o Joãozinho e, logo, numa voz mais meiga: —«Se o Anão Sabichão fôsse meu amigo a valer, pedia ao professor que me diminuísse um bocadinho a lição! Faz-me isto, faz?»

—«Vou responder ao teu pedido, contando-te uma lenda que vem mesmo a propósito.»

—«Eu não quero lendas, o que eu quero é menos lição!»—resmungou o Joãozinho, mal humorado.

—«Não és muito amável! Nenhum menino re-

duzia, certa ocasião, uns companheiros através duma região deserta e recomendou-lhes que cada um deles levasse, debaixo do braço, uma grande pedra para, caso fôsse necessário, terem onde repousar a cabeça.

Todos obedeceram: um único, achando a carga muito pesada, levou apenas um pequeno seixo. Caminhava muito depressa, enquanto os outros marchavam, dobrados sob o peso da enorme pedra que sobraçavam.

Chegada a hora da refeição, o santo mandou-os sentar e transformou, súbitamente, em pão tôdas as pedras.

Aqueles que tinham aceitado a fadiga, ficaram fartamente alimentados, mas o que carregara apenas com o pequeno seixo, não teve senão um pedacinho de pão.

«Meu irmão — disse êle — eu cómo só isto?»

«Porque não trouxeste tu uma pedra grande?»



cusou nunca ouvir as histórias que eu conto. Todos até se finam por elas!»

—«Também eu, Anãozinho!... Mas hoje, por culpa do professor, estou tão mal disposto.»

—«Pois hás-de ouvir a tal lenda! Verás como logo te vem a boa disposição!»

—«Conte, então, lá!...» — disse-me o pequeno, já pronto a ouvir-me.

E vai eu narrei-lhe isto:

—«Um santo que tinha o dom dos milagres, con-



retorqui o santo. Se os teus companheiros tiveram maior quinhão, também tiveram maior trabalho.»

(Continua na página 8)



POR
LAURA CHAVES

NUMA velha pregadeira, de flanela desbotada, o acaso ali fez juntar uma agulhinha ligeira, de ponta aguda, afilada, e um alfinete vulgar.

A tal agulha saía, logo pela manhãzinha, para um trabalho constante e passava o santo dia levando a reboque a linha, ponto atrás, ponto adiante...

O alfinete, êsse, então, não fazia mesmo nada,

sempre deitado, era um ronha i Que vida de mandrião, vida inútil, apagada, era a dêsse sem vergonha!

A agulha trabalhadeira não gramava êsse alfinete e ralhava horas a-fio, danada, numa cegueira, dizendo: — Que malandrete! Para que serves vadio!?

Êle é que não se importava deixava-a dizer, falar, limitando-se a sorrir. Mas, às vezes, resmungava: — Quem cospe assim para o ar na cara lhe há-de cair!

E caiu. A agulha, um dia, viu-se de todo sòzinha quando chegou ao trabalho. Pensou, triste: — Que arrelia Acabou-se agora a linha e eu sem linha pouco valho!

A prega que alinhavava chorava, muito dorida: — Não há quem venha valer-me! e entre-soluços bradava: — Se fico meio cozida acabo por desfazer-me!

Disse-lhe a agulha, vexada: — Não chores, vou-te acudir, enquanto a linha não chega fico-me aqui bem pregada. Mas sentia-se cair... a resvalar pela prega.

Porém, certa mão geitosa, vendo que dessa maneira se ia a prega desmanchar, foi a correr, pressurosa, à tal velha pregadeira nosso vadio buscar.



E pregou-o muito lesta no sítio onde a agulha estava dizendo: — Já é topete! Uma agulha aqui, não presta, o que a prega precisava era só dêste alfinete!

Esta história não é fútil porque tem filosofia, tem conceito e tem verdade. Ao que nos parece inútil também lá lhe chega o dia de ser uma utilidade.

■ ■ F I M ■ ■



BREVEMENTE: UM NOVO E SENSACIONAL

CONCURSO

ORGANISADO
POR
GRACIETTE BRANCO

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS

POR

ABELHA

MESTRA



Regina:

Que engraçados!
Estes passaritos exquisitos
Que piam tão esgançados!

Mas vão ficar bem no bibe da tua mana mais novinha, a Bêbé. Ora verás!

Bordados, de espaços a espaços, na roda da saia, o seu efeito é muito engraçado.

Se o bibe tiver uma algibeira grande à frente, ficarão muito bem, bordados nela, os passaritos.

Quando quiseres fazer um guardanapinho, lembra-te deles, porque irão mesmo a matar!

Poderá, bordá-los em ponto pé de flôr ou cadeia, como quiseres.

A côr será escolhida conforme a côr do tecido em que fizeres o bordado.

E, quanto ao seu belo efeito, só te digo que todos os meninos, ao vê-los, dirão:

— Que engraçados!
Estes passaritos exquisitos
A piarem tão esgançados!

Abraça-te a amiguinha

ABELHA MESTRA.

GRANDES DE PORTUGAL

(Continuado da página 2)

desconhecidas do interior de Africa. E' construir uma epopeia grandiosa, à custa de sacrificios de toda a espécie. E' lutar contra a natureza e contra o inimigo. E' ter iniciativa de toda a espécie: saber fazer pontes, jangadas, utilizar embarcações, conhecer as manhas das feras, que espreitam ocultas nas matas. E' estar alerta, sempre pronto para tôdas as eventualidades.

Aqui, um leão salta ao caminho; ali, uma serpente desenrola-se nas ramarias das árvores, preguiçosamente, acolá na margem do rio, um crocodilo, chorando, procura atrair algum incauto.

Agora, é uma rocha a escalar, por meio de cordas. Daqui a pouco tem de se atravessar uma catarata. Logo tem de se transpôr a cumiada duma serra, que se vê ao longe, envolta na vegetação luxuriante.

E ante o pasmo da gente negra, gente rude que adora feiticos, ídolos e manipansos, os exploradores lá vão seguindo o seu destino.

Tomam apontamentos sôbre a

paisagem, examinam uma queda de água, desenham um preto característico, deteem-se, maravilhados, ante o efeito do sol nas águas cristalinas e no arvoredor verdejante, admiram um passado multicôr que desfere largo vôo!

E o explorador, na sua faina, recolhe dados preciosos para a ciência. Vai conhecendo novas espécies de plantas, de animais, de rochas, que coleciona, cuidadosamente. Leva o benéfico conforto da civilização a gentes que, até aí, viviam na mais desoladora das ignorâncias. E' missionário, sábio, cavador e escoteiro, que descobre novos horizontes e novas terras.

Para êle, não há obstáculos, nem dificuldades. Podem os companheiros fugir ou não resistir. Ele fica, decidido, corajoso, forte, porque o seu lema lhe dá forças.

E o lema do explorador-pioneiro da civilização — é Vencer?

Foi com homens como Capelo, Ivens, Serpa Pinto, Augusto Cardoso, Henrique de Carvalho, Victor Cordon, Anchieta e tantos outros, que Portugal pôde conhecer melhor o que eram as suas colônias

de Africa — êsses territórios da Mãe-Pátria, cimentados pelo esforço de verdadeiros portugueses.

O descobridor, descobre; o conquistador apodera-se, violentamente, da terra; o explorador, conhece novos horizontes à fôrça de trabalhos extenuantes e de sacrificios incomparáveis.

Portugal, terra de náutas, descobriu maravilhas, depois, lançou-se à conquista de vetustos baluartes. Insatisfeito, encaminhou-se para o interior dos continentes.

* *

Ivens e Capelo fizeram várias explorações e publicaram, acerca delas, 2 livros: *De Angola à Contra-Costa* e *de Benguela às terras da Iaca*. Percorreram 4.200 milhas de costa a costa, das quais, 1.500 através de sertão nunca transitado por europeus.

A recepção foi brilhantíssima. Mas Ivens, com as doenças contraídas nas suas travessias de Africa, morreu, pouco depois de ter dado tão altos exemplos de coragem e de patriotismo.

UM CONTO HINDÚ — (Continuado da página 3)

Nunca mais houve notícias do príncipe Alboazar. E o segundo filho, Muhail — o «Preguiçoso» — pediu licença e partiu, após grandes rogos e lágrimas do velho soberano. Abdul, desde que o filho havia partido, melhorara bastante.

No dia em que Alboazar se acercara do castelo, levantara-se do leito. Porém, momentos depois, recaía gravemente.

Muitos meses se passaram. No mesmo local onde Alboazar o havia encontrado, o velho lá estava, asqueroso e esfarrapado, pedindo água. Como Muhail levasse um criado com um cantil, ofereceu água ao velho, dizendo, porém:

— «Toma lá água, velho do diabo. Mas é do cantil do meu criado, porque no meu não põem a boca mendigos lazarentos...»

O velho sorriu-se, tristemente. Com um fulgor indefinível nos olhos pardos, levantou-se e, nobremente, disse:

— «Não bebo a tua água, poderoso Muhail, mas também tu não alcançarás o que procuras!»



Muhail ficou pensando nas palavras do mendigo. E seguiu o seu caminho.

O castelo aparecia ao longe. Muhail, exultou de alegria. Mas à semelhança do que acontecera com seu irmão, a velha apareceu-lhe, mostrando não uma sala de ouro e pedrarias, mas outra com coxins e divans suntuosos. Em pratos, sobre branquetas de teca, delicados manjares.

Muhail — o preguiçoso — fez o gesto de pretender repousar. Mas sentiu-se transformado numa tapeçaria...

A velha retirou-se, rindo:

— «Ainda desta vez, o velho Abdul não se salva. Esperemos pelo filho mais novo...»

Também nunca mais houve notícias do príncipe Muhail. E o mais novo, Mohamed — a que todos chamavam

o «Bom» — pediu permissão para partir, dizendo ao pai: — «Pai, sou eu quem lhe há-de trazer o tal licór da vida...»

No dia seguinte, pela manhã, ainda o sol não surgira atrás dos miranetes da mesquita, e já Mohamed partia para o Tibet, levando o seu fiel servo Kemal.

Muitos meses se passaram. Ainda no mesmo lugar onde Alboazar e Muhail o haviam encontrado, o velho lá estava pedindo água.

Mohamed saltou do seu cavalo, pegou no cantil e levou-o aos lábios sequiosos do velho. Este, à medida que ia bebendo, ia-se transfigurando num cavaleiro garboso e lindo. Pôs as mãos, amigavelmente, nos ombros de Mohamed e disse-lhe:

— «Há muito, príncipe, que eu estava encantado num velho repugnante e mendigo. Só uma pessoa que me desse água a beber, de bom grado, me quebraria o encanto. Foste tu, Mohamed, quem tal fizeste, pela tua bondade. Que Alah te proteja! Vamos à procura do licór da saúde.

— Talvez tu não saibas, Mohamed, que eu era o velho que foi ver teu pai e mostrar-lhe a cura?!»

O príncipe ficou estupefacto e com o cavaleiro, que disse chamar-se Yuçuf, encaminhou-se para o Tibet. O castelo surgia, entre o arvoredo, acariciado pela brisa. E Mohamed, o bom, não cabia em si de entusiasmo...

A velha apareceu. Mostrou a Mohamed um sem número de tentações, mas ele resistiu a todas a disse-lhe:

— «Antes de mais nada, quero o licór da vida!»

Então, prodígio! — a velha transformou-se numa jovem lindíssima, que se dirigiu ao príncipe, dizendo:

— «Quebraste o meu encanto, querido Mohamed. Fui encantada há anos e só voltaria à forma natural, quando uma pessoa se dirigisse a mim a pedir a água da vida e vencesse todas as tentações. Teus irmãos chegaram aqui; mas um não venceu a tentação do ouro e o outro, a da preguiça. Só tu, de milhares que aqui teem vindo, venceste. Para todos soou, agora, a hora da libertação...»

Pouco depois, milhares de pessoas saíam, desencantadas, do castelo do Tibet. Alboazar e Muhail lá vinham, também, e ficaram contentes por verem seu irmão. Passados momentos, com o licór da vida, meteram-se ao caminho, que não lhes pareceu tão longo...

No momento em que o bom rei Abdul estava agonizante, Mohamed, seguido da jovem, que se chamava Ouriana e de seus irmãos, entrou no aposento e deu-lhe a água a beber. Dai a momentos, ante os cortejos estupefactos, Abdul tornava a ser o homem valoroso e forte que o povo tanto admirava.

Dias depois, Abdul abençoava o casamento de seu filho Mohamed com a linda Ouriana e, como recompensa do esforço do príncipe, ofereceu-lhe metade do reino e riquezas sem par.

Escusado será dizer que, com a lembrança do castigo sofrido, nunca mais Alboazar foi avarento, nem Muhail, preguiçoso...

O ESQUILO GENEROSO — (Continuação da página 1)

um avarento e um soberbo. Tem o seu palácio a abarrotar de nozes e não dá nada aos pobres. Além disso, como é rico, julga-se superior a todos os outros bichos e trata-os com desprêso. Que admira, portanto, que o detestem e lhe retribuam o desdém com que lhes fala? Emende-se e verá como tudo muda!...

Esquilo, a princípio esteve quasi a zangar-se com o compadre. Mas reconsiderou e viu que êle tinha razão.

Curvou, portanto, a cabeça e respondeu:

— «Está certo, compadre. Deve ser êsse o mo-

tivo. Mas vou emendar-me, vou tornar-me generoso. E para começar, aqui tens esta cestinha de nozes para o teu almôço. Pago assim o teu conselho!»

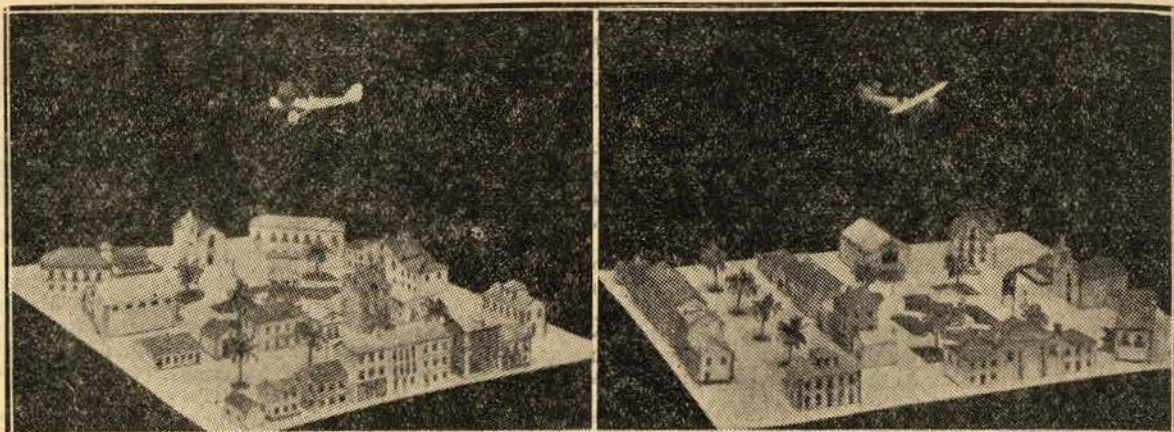
— «Obrigado, dom Esquilo. Mas não aceito! Bem sabe que sou carnívoro. Não como nozes...»

— «Que pena, amigo!... Se pudesse, dar-te-ia qualquer outra coisa. Mas, nesta ocasião, é-me impossível!... Adeus! Passa bem!...»

E afastou-se aos saltinhos, em direcção ao seu palácio.

(Continua no próximo número)

UMA VILA COMPLETA



DOIS ASPECTOS DO 2.º PREMIO
da concorrente menina Adelaide de Almeida.

U M A L E N D A

(Continuado da página 4)

Este prodígio é uma grande lição! Só o trabalho e o sacrifício devem ter direito às recompensas. Todos nós temos na vida o nosso fardo a carregar e deveres a cumprir.

Se nos desempenharmos, corajosamente, do nosso dever, seremos recompensados.

Tôdas as vezes que sentires a tentação de, como hoje, diminujres a tua tarefa, pensa, Joãozinho, no preguiçoso companheiro que levou, apenas, um seixo e esforça-te sempre por fazeres o teu dever, porque assim, não só agradarás aos teus pais e ao teu professor, mas, do teu trabalho de hoje, terás a recompensa no futuro.

E agora, que acabei a minha lenda, vais ou não vais acabar a tua lição?>

—«E tôda completa, amigo Anão! Para, mais tarde, não me arrepender da minha mandriíce de hoje!»
—respondeu o Joãozinho, cheio de boa-vontade para estudar.

Lá o deixei a contas com a lição, muito satisfeito por ver que o meu amiguinho compreendera, tão facilmente, a que eu lhe tinha dado.

■ F I M ■

A RESPOSTA DO MENINO GULOSO



I — Senhor de belas larachas, na ausência da Mãe, o Mário tira, dum pequeno armário, uma porção de bolachas.

II — Mas a Mãe estas palavras lhe dirige ao vir de fora, dando pela falta: — «Agora, o que é que tu precisavas !?»

III — Então, Mário, que não cede nem a ralhos nem a nada, diz-lhe: — «Duma limonada porque estou cheio de sêde!»